

JORNAL DAS SENHORAS.

JORNAL DA BOA COMPANHIA.

Modas, Litteratura, Bellas-Artes e Theatros.

O programma e condições deste jornal encontram-se na ultima pagina da capa.

MODAS.



Passou a Semana Santa, e com ella as *toilettes* pretos, proprios dos templos. Logo no dia seguinte, no baile de fantasia do Sr. Rocha, alguns corpinhos, que vi ajoelhados ante o altar, trajados com as sedas negras do luto que sentião n'alma no grande dia da paixão de Jesus Christo, cobrião-se das fitas e lindas roupas de fantasia, percorrendo um salão de baile, como essas nuvens furta-côres que correm pelo Céu nas horas em que o crepusculo cabe no poente, semelhante á um grande passaro que ao cahir da noite estende de cansado suas azas de plumas de mil côres sobre o cabeço dos montes ou sobre as costas do mar.

Houve muito gosto e muito luxo nos muitos vestuários que se apresentarão nesse agradável baile; mas talvez ninguem reparasse n'uma modesta *Lavalliere* que lá esteve, quasi sempre n'um canto, e n'um penteado á *Ninon*, que coroava, como a grinalda dos cabellos louros de uma das Graças, á uma cabeça pensativa e amorosa de uma moça de dezeseite annos, bella e innocente como o primeiro desejo de uma criança.

Eu tambem lá estive, e dancei muito com um *jockey*, que assim mascarado, e com a espirituosa conversação que entornava dos labios, como as estrellas da noite entornao as gotas do orvalho sobre a face das varzeas; pareceu-me, em uma palavra, um *gentleman* — *comme il faut*.

Galanteadora, delicada e espirituosa é a imagem que apparece em meus sonhos, como o genio do baile que vem exigir-me o seu culto de saudades nas horas placidas de minhas deliciosas recordações.

E' verdade que a mulhier tem a vantagem de poder amar um mascara, o que não é dado á um homem. Pelo menos para as que, como eu, no ideal que creão, não fazem valer a formosura; porque sou da opinião daquelles que dizem, que homem não tem belleza.

Para mim o talento que se manifesta nas espirituosidades, as qualidades que se revelão na delicadeza, e a condição ou a classe que se patentêa no gosto serio e luxuoso do seu vestuario, são os elementos que meu coração exige para

amar um homem. Ora, esses eu encontro no mascarar, e entrevejo pelo mysterioso do mascarado.

Perdoai-me, minhas leitoras, se occupei-me hoje muito de mim; mas, como é uma vez na vida que o faço, tenho esperanza que não me culpareis por vos ter gasto esses minutos que levastes a ler estas Noticias.

Como estou escrevendo este artigo antes de duas noites deliciosas do *Campestre* e do baile militar, tambem me desculpareis de não vos fallar delles sobre a materia que me diz respeito.

O mesmo, quanto ao *Roberta Devereux* do Provisorio, que tudo deixo ao *Correio dos Sabões* para amalar, ou para fazer correr no fio electrico de seu telegrapho de noticias.

Por enquanto apresento-vos uma estampa com lindos debuxos de bordados, para vos distrahir nas horas vagas em que, no vosso perfumeado gabinete, procurardes aprontar o mimoso presente de fino linho para a vossa mais intima amiga.

Ritinha.

DESCRIPÇÃO DA ESTAMPA.

- N.º 1. — Elegante bordado de applicação para folhos. — Caça sobre filo, bordado a ponto de cadeia.
- N.º 2. — Tiras diversas — Bordado Inglez.
- N.º 3. — Duas tiras — Bordado Brasileiro.
- N.º 4. — Entremeeio festão.
- N.º 5. — Collarinho bordado a ponto real e festão.
- N.º 6. — Canto de lenço a ponto real e festão.

- N.º 7 e 8. — Entremeeios de bordado Inglez.
- N.º 9. — Tira de bordado Inglez.
- N.º 10. — Brazão d'armas para canto de lenço, bordado a ponto real e ponto d'armas.
- N.º 11. — Brazão, bordado a ponto real.
- N.º 12. — Entremeeio de archoet.
- N.º 13. — Renda de crochet.
- N.º 14. — Letras bordadas a ponto real.

A carta que abaixo publicamos, nos foi enviada com o seguinte artigo e firmada por uma assignatura que respeitamos e que não a declaramos em signal de deferencia ao pedido que se nos faz. Fara para desajar, que esta intelligente senhora continuasse a obsequiar-nos com os seus interessantes escriptos.

Sra. Redactora em chefe do Jornal das Senhoras.

De muy tenra idade acostumei-me a escrever todas as minhas impressões: mas nunca com o intento de as publicar. So meus singelos e mesquinhos pensamentos podião servir de frão ás crianças, jamais hesitei em lh'os dar. Porém tambem nunca quiz para mim a gloria de autor; talvez tambem a critica que elle tem de arrostiar.

O habito, que contrahi de escrever o que observo, serve-me de alegre distracção: e é isto somente o que procuro quando escrevo.

Todavia muitas vezes tenho gozado de gratas emoções, quando deparo com um escripto que me traz a recordação impressões passadas, que facilmente se terião apago de meu espirito se não tivessem sido guardadas no papel com os traços vivos do sentimento.

Agora, porém, que um jornal de senhoras apparece sustentado pela sua intelligencia, unico ainda em nossa patria, que como uma estrella

do Oriente vem guiar o bello sexo de nossa terra ao unico fim que faz a felicidade da vida, a — Philosophia, chamando-nos á occupações mais nobres de nosso espirito, tirando-nos dessa atmosphera de futilidades em que o luxo da época faz-nos respirar, escolho onde se perdem grandes corações; vou enviar-lhe as — minhas distracções. Se as achar dignas de apparecerem em seu jornal, muito folgarei de ver que, o passo que dou, abre caminho á fecundas imaginações que se escondem talvez com a timidez da educação. Releve assignar meus pobres escriptos com o nome pomposo e de eternas recordações da pequeno rio de minha terra — o Ypiranga. Elle ouvia muitas vezes os queixumes de meu pai, suas aguas muitas vezes o refrescão da calma da estacão, e é com gratas emoções que tomo o seu nome, e que lhe dedico meus tristes pensamentos!

Sou etc.

S. C., 3 de Janeiro de 1854.

MINHAS DISTRACÇÕES.

RASGO DE VALOR DE UM MENINO BRASILEIRO DE SETE ANNOS.

Um dia que eu contava algumas historias á meu sobrinho, de idade de seis annos, para o entreter e estimular a applicação, fez-me elle uma pergunta; que achei de muito alance para



2

385

Tutois

L'ouvrage est en vente chez M. de Saxe, Palais National, Paris



LE MONITEUR DE LA MODE

Coffure de M. Coissac, à Richelieu, n.° 9. Chapereau des D^{mes} Vallier, avenue à Richelieu, n.° 24. Manne de M. D'Arny, 24 et 26 de la Bourse, et Coiffette de M. Desvres, Callaux, n.° 117. Peppin Ducrocq, rue Vivienne, n.° 10. Robes à dispositions de Fourreau de la M^{lle} Delisle, n.° 57. Laine et rue de Valenciennes. Bonnetier de Chapron, n.° de la Croix n.° 17. Jours de Gelle, n.° 2, des 1^{rs} Augustinats. Couvre de la M^{lle} de Comminieu, Saxe et C^{ie} Bout' des Capucines.

Paris, Rue Richelieu, 9.

LONDON, at the Publisher Office, 47, Greek Street, Soho, NEW YORK, at N. Strange, 87.

M. de Saxe, 2, rue de Valenciennes

um menino de sua idade: respondendo en á esta questão, fez-me recordar de um facto que curri á minha mãe, e que foi por ella quasi presenciado em nossa terra. Comei ao pequeno o caso acontecido, e pedindo-me elle que o escrevesse para aprendel-o de cor, accedi ao seu pedido: e eis aqui porque se acha isto escripto; que o publica tal qual foi elle contado.

— Minha tia, disse-me meu sobrinho, porque é que a senhora só me conta historias de ercancias de outras terras, e nunca me falla do nenhum menino de Rio Grande, do Rio de Janeiro, etc.?

— A razão disto, lhe respondi eu, não é que no Brasil, de que tu queres fallar, não hajão meninos de tua idade que mostram já grandeza d'alma em casos extraordinarios, meninos que se tenham sublimado por suas virtudes; nem mesmo que na nossa mocidade não se tenham dado factos que attemem o valor de nossos jovens, e que são dignos de publicidade para servirem de estimulo aos outros; porém é que ninguem se dá ao trabalho de os redigir, e outras vezes (e estas são as mais communs) esses factos acontecem em logares em que a ignorancia obscurece toda o brilho que elles terião em paizes civilizados — e tudo fica entregue á indifferença, e morre no esquecimento! Mas queres tu saber de um rasgo de valor, de um menino quasi de tua idade, que aconteceu ha poucos annos?

— Com muito gosto ouvirei, sim senhora.

— Eil-o:

« Um homem da villa de Guaratuba, chamado Antonio Gonçalves, e pai de sete filhos, vivia da pesca e da caça. Desde muito cedo foi ensinando o seu officio ao mais velho dos rapazes, que tinha o seu nome, e que era tão fraco de corpo, que, tendo sete annos de idade, ninguem lhe dava mais do que cinco; mas não admirava isto, porque o pai era de uma estatura e magreza que pouco ou nada attestavão a favor de sua força physica. No tempo que aconteceu a historia que te vou referir, morava o pescador no sitio tres Barras, assim chamado, porque o rio, do mesmo nome, que desce dos montes de Curitiba, despeña-se no mar por tres largos embocaduras, no districto de S. Francisco Xavier. Este logar é ermo; ainda hoje se encontrarão ali *matias virgens*; quanto mais ha virte annos atraz, época em que aconteceu o que vou contar-te.

« O pequeno Antonio aprendeu depressa a guerrar com os peixes e caças. Mas não penses que elle pescava lançando uma rede ao mar, como tens visto, fazendo um cerco aos incautos nadadores e trazendo-os contra a sua vontade á praia, onde ainda elles se debatam na ultima agonía. A pesca dos pobres, que lhes faltão braços, é differente desta, mas interessa o ver-se-a.

« Elles têm cordas delgadas, de diferentes grossuras, que lhe chamão *linhas*, fiadas das fibras das folhas do tucum, palmeira. Preso á uma das extremidades dessas *linhas* está um anzol rematado por um pedaço de chumbo que o leva á profundidade da agua. O pescador toma esta linha, assim preparada, na mão direita; faz giral-a em circulo por sobre a cabeça, e lança-a com este impulso ao mar: o anzol leva um pe-

daço de peixe em sua curra, que se chama *ira*, a qual o peixe engole, e fica preso á *Baba*, porque o anzol prende na garganta. Então o pescador, sentindo isto, puxa de repente a linha, e, se elle é ligeiro e destre, a presa nunca lhe escapa.

« Quanto á caça, é feita tambem com industria: a polvora o bala é cara, e não pôde chegar senão aos ricos. Os moradores das *matias* fazem bals de terra que suprem de tal modo as outras, que com ellas fazem abundantes caçadas.

« Ila em barro em quasi toda a provincia de S. Paulo, que é de uma cor cinzenta; basta pôr-lhe alguns agua para ficar brando e ligar; amassado depois, toma com a maior facilidade as formas que se lhe quizer dar. E' deste barro que é feito todo o serviço de cozinha dos habitantes dos campos daquelle provincia; depois de feita a peça, qualquer que seja, secção-na ao calor brando do fogo, e fica tão consistente que dura muitas vezes tanto como o ferro. E, pois, os caçadores pobres tambem o aproveitão em seu officio. Fazem delle bals de meia pollegada de diametro, que chamão *pelotas*, e são ellas tão perigosas, que matarião um homem sendu atiradas em grande numero. Com este projectil e o *badoque* en vi matar-se muitas aves e outros animaes.

« O pequeno Gonçalves, pois, atirava tão bem com o seu *badoque*, que nunca lhe escapava o alvo, e de tal modo se enthusiasmava com este exercicio, que muitas vezes se embrenhava nos bosques os mais espessos, só para correr atraz dos escondrijos das caças.

« Para secundar tão bella disposição, o pai lhe comprou uma espingardinha, que os Indios chamão *taquari*, nome que tambem lhe dão no paiz.

« Julga da alegria do bellicoso menino. Fez maravilhas logo ao primeiro dia que se viu possuidor de tão grande bem.

« Um dia que Antonio Gonçalves e seu filho se achavão no mais interior de uma mata virgem á acossar uma manada de javalis, os cães encontrão um grande tigre, que perseguido por elles defendia-se bravosamente, e se foi escondendo a uma profunda gruta que estava perto e debaixo de um penedo, talvez seu mesmo covil. Os cães não o deixáráo; e, não podendo persegui-lo dentro da cova, fazião uma guerra de latidos á entrada da gruta, e batendo com as patas, atirando terra, ladrando fortemente, incitavão o medonho animal a sahir.

« Os bramidos, que a fera enraivecida dava dentro da cova, echoavão por todo aquelle deserto com estampido medonho.

« Antonio, cheio de valor, não teme o feroz animal.

« Carrega sua espingarda com polvora e bala, e a dispara do logar onde estava, fazendo a pontaria ao bruto.

« Mas, oh! terror!... O alvo foi errado; o monstro então, enfurecido, segue pelo fumo da polvora, abrindo caminho por entre os cães, e vem lançar-se sobre o corajoso caçador, que viu sua desgraça certa. Mas, ao pequeno Gonçalves, não faltou sua presença de espirito. A enorme boca aberta da fera, seus medonhos e aguçados

dentes, seus olhos incendiados de raiva; nada o atemorisa.

« Por debaixo do braço de seu pai, que fóra de si com a horrivel apparição do bruto carregava de novo a espingarda sem saber o que fazia, o menino desfecha o seu *taquari*, tão certo, que os projectis entráram pela guela do animal, cortando-lhe todas as entranhas e fazendo-lhe esguichar o sangue pela cauda! O bérro espantoso, que deu o monstro caindo por terra, fez estremecer todo o matto. Tudo isto se passou em menos tempo do que o que eu emprego para contar-te. O pai, vendo-se livre de uma morte certa por um modo tão milagroso, cahiu enternecido aos pés de seu filho, apertando-o em seus braços, transportado da mais viva alegria. Aquelle anjo lhe havia salvado a vida! Os cães, únicas testemunhas desta victoria tão grande, festejarão o pequeno, correndo de roda do inimigo vencido, que ainda dava os ultimos arrancoes, e vindo de novo pulár ao peçoço do vencedor.

« O cadaver do animal foi arrastado á habitação, onde causou tão grande sensação de susto e de admiração, pelo valente menino, que a noticia corria de boca em boca, e por muitos dias a cabana de Antonio Gonçalves foi o lugar mais

frequentado. Toda a gente dos arredores concorria ali para ver tamanho feito.

« A pelle da fera tinha tres covados de comprimento, e dous e meio de largo.

« Sua cor era preta com malhas cor de azeviche. Quando o couro foi vendido na villa, todos querião ver o pequeno heros que na idade de sete annos não se temia das feras. Antonio satisfez tão justa curiosidade.

« O menino veio á villa, trazendo consigo o seu celebre *taquari*. Em quatro dias que se demorou ali, andou de casa em casa, e todos admiravão que aquella fraca figurinha encerrasse tanto animo e presença de espirito. Alguns negociantes, querendo premiar tanta coragem, lhe fizeram presente de varias roupas.

« Elle jantou em nossa casa, e meu pai foi o comprador do couro do tigre, que o enviou de presente á um seu amigo na corte.

— E' assim que a coragem e espirito nos guarda de grandes desgraças: enquanto que a negligencia e cobardia nos arrasta ao infortunio, e muitas vezes á miséria, ainda quando as vantagens do nascimento, das circumstancias e da fortuna, nos fação esperar um glorioso porvir.

A Indigena do Ypiranga.

POESIA.

A MÃOSINHA.

OFFERECIDA A D. CLARINHA BARBOSA.

(Para musica.)

Uns morrem por olhos negros,
Outros por lindos cabellos,
Todos têm seu talismán:
O meu, Jesus, é tão lindo!
E' uma mimosa mãosinha
Que eu contemplo com afán.

Tão mimosa e bonilhina,
Tão pequena e graciosa
Como a pet'la de um jasmín:
Como o brinco de um auginho
Feita por Deus com esmêro
D'um pouquinho de marfim.

Eu não sei o que é que sinto
Quando vejo essa mãosinha
Perdida pelo teclado;
Ou trançando descuidosa
Os negros fios de seda
Da trança do penteado.

Fico louco quando a sinto
Durante a valsa em meu braço
Que estremece de prazer;
Mas se á vejo pensativa
Sustentando a face della
Aí me faz entristecer.

Deus permita que a já veja,
Toda rosada de pejo,
N'outra mão ante um altar;
Beijarei-a de joelhos,
Ficarei'p'ra sempre triste
Por já não podel-a olhar.

Uns morrem por olhos negros,
Outros por lindos cabellos,
Todos têm seu talismán:
O meu, Jesus, é tão lindo!
E' uma mimosa mãosinha
Que eu contemplo com afán.

M. de A.

VISÃO.

I.

Por noite negra em que a tormenta ruga,
Em que a nuvem s'inflamma e o raio cruza,
Onde vais desgraçada?

Pallida a face—demudado o rosto,
O andar hirto de estatua—a voz nas fauces,
Muda, triste, e sem vida!?

Onde vais desgraçada?—o vento ás soltas
Encrespa as ondas dessas tranças pretas,
E zune—e passa rindo!

E tu nem ouves—nessa dôr perdida,
Oppresso o coração—olhar imóvel,
— Nem um soluço ao menos!

Outr'ora, viva, em salas fulgurantes,
Teu pé mimoso molestava as sedas;
Era teu rosto um Céu!

Escravos todos a teus pés rëndidos
Por um olhar d'aquelles fugitivos
Morrião... sim, morrião!

E agora assim murchada a luz dos olhos,
Estrella que passou, flôr já sem brilho,
Nem me queres ouvir!

E a senda agreste da montanha erguida
Sóbes... sóbes... e com animo quieto;
Eis-te ao cimo chegada.

II.

Vi-a um instante—rareando ao longe,
Como em doce manha serena sombra
De rapido fulgor!

Rolou depois ao fundo dos abysmos,
E o pescador julgou-a—em brancas vestes,
Alva espuma do mar,

Voga nas aguas, voga—em paz descança!
Não terás sobre a terra estreita cova,
Nem oração de crente!

Vai-te, não voltes!—E's imagem triste
Da flicidade... uma illusão perdida,
Sonho, visão ou nada!

Andrade e Silva.

UM SONHO DE MINHA ULTIMA NOITE DE SOLTEIRO.

A' MINHA ESPOSA.

Sonhei que eramos reciprocamente amados, e de tal sorte correspondidos, que os nossos olhos, impressionando-se magneticamente na presença daquelles que não devião ouvir-nos, conversavam-se, entendião-se e penetravão sentimentos abafados no silencio de nossos corações.

Sonhei que nossas afeições de tal sorte se augmentavão, que a creença de nosso affecto de tal maneira alvoroava-se, e que tal era o progresso do nosso amor, que eu, cansado já da continua concepção de lisungeiras esperanças de união, havia projectado a realisacão desses ficticios sonhos de exaltação, e aprazado a época feliz que deveria ser a do nosso hymeneo.

Sonhei que semelhante intenção, á ti revelada por mim, fora applaudida por um teu sorriso breve, mas expressivo e bello, como o que se escôa pelos labios de Deus na hora da contricção do reprobol!

Sonhei que a manifestação desse projecto fora recebida e approvada por um teu olhar impregnado de arroubo, terno e sublime, como a fixação dos raios visuaes partidos das languidas pupillas de saudosa virgem, reverberados pelo tremular de suas humedecidas palpebras, e convergidos

no daguerreotypo do amante, que não tarda a conduzir-a ao altar, para a suspirada consummacão das benções nupcials.

Sonhei que me ouviste felicitar esse futuro de ineffaveis venturas, e que a interrogação, que n'um continuo palpar, meu coração fazia á tua condescendencia, havia sido respondida pela offerta dessa dextra que me apresentaste.... dessa dextra que febricitou por longo tempo apertada ao contacto deste coração que em seu desordenado palpar te convencia de sua agitação.

Sonhei que ainda te sorrias.
Sonhei que ainda teus olhos fixavão meu rosto.
Sonhei que ainda o calor de tuas arterias, transmittido pelo fogo de minhas veias, mais e mais escaldava-me esse órgão dos sentimentos, repleto de amor e impaciencia, pelo despertar dessa estrella precursora da manha.

Insensibilisarão-se então os meus sentidos, e da paralyisia de minha lingua, no torpor de meus labios, resultou a completa mudez de minha estupefacção.... meus órgãos vitaes acometterão-se de lethargica inacção.... a languidez infiltrou-se em minha alma, e eu dormi, continuei a dormir, porém dormia sem sonhar.

(Era o periodo necessario que devia mediar entre o projecto e sua realisacão.) Era a ultima vibracão do relógio da noite, que escoava-se pela espessura das trevas.

Rapida agitacão, contractibilizando-me o sistema nervoso, chocou-me o cerebro, e instantanea convulsão de improviso despertou-me; com avidos olhos empreguei a minuciosidade no exame que fiz dos objectos que me cercavão: a mortica luz que bruxuleava sobre a cadeira contigua ao meu leito, deu-me a destinguir um livro aberto, cuja folha eu havia marcado, dobrando-lhe o angulo superior. Ateei a chamma desse cirio das lucubraciones, e quiz continuar a leitura interrompida pelo sonho....

Ai, louco! Conciliar tua imaginacão.... coadunar tuas idéas.... colligar tens-pensamentos, não seria concitar a continuacão de teu sonho? E poderias sonhar acordado, ou dormir velando? Não....

Mas eu quizera uma idéa do que havia sonhado, já que a remipiscencia me abandonava; e neste esforço da imaginacão, nesse volver d'olhos, na indugação dos objectos que me cercavão, um ponto luminoso tudo revelou-me....

Era o teu retrato em daguerreotypo, que á cabeceira de meu leito reflectia a inquietacão da chamma.

— Oh!... (exclamei, desprendendo-o, e buscando favoravel posicão para miral-o bem)... eras tu mesma, digno objecto dos meus pensamentos, que ha pouco me agitavas!... Amanhã, serás minha! Seréi teu, amanhã! Amanhã, seremos um só!....

Amanhã!....

Irás, Virgem, quelmar o teu passado
Do sacrificio na voraz logueira
E por amor de mim, trocando a sorte
Amanhã não chamar-te-hão solteira!...

Oh! Enquanto além não surges
Bella estrella, aiva e louca,
Quero morrer neste souho
E ressurgir amanhã!

Fitei de novo o teu rosto, collei-o sobre o meu coração, imaginei-te com todas as potências da minha alma, e minhas palpebras cerrarão-se, meu corpo tombou inerte; e tornei a dormir.... Dormi, e tornei a sonhar.

Sonhei que a mais grata effusão de indissolvel prazer transportava minha alma ás ethereas regiões, onde empregnada da ardentia do meu amor, divagava em extasis.

Sonhei que, na vastidão de um horizonte que descendia-se ao extremo de arenoso deserto, ambientes reverberos, de não vistos fogos, projectavam magnifico portico de agigantado templo, que metamorphoseando-se rapidamente á fixa avides de minha contemplação, mostrava-me um variegado e delicioso jardim, e do meio da mais florida de suas alamedas alevantava-se uma copada mangueira, garbosa de sua folhagem.

A optica illusão tão severamente manifestada, atilando a repugnancia de minha razão na analyse d'essas transposições de objectos, deu o desespero em consequente resultado ás minhas idéas, pela convicção de tão mysteriosas alternativas.

Sonhei que essa derradeira metamorphose era o ponto atrahente que determinando o horizonte, mostra ainda a quem de um outro; e lá, nessa atmosphera ainda não crestada pela ardentia dos raios solares, nesse receptaculo de purificado ether, estranho ainda ao telescópio do ousado analytico de imprescritaveis mundos, lá, nessa indiscriptivel orbita, um outro ponto mais scintilava....

Lá, todos os meus pensamentos convergirão-se então, agglomerando-se, nessa phosphorescente aureola; lá estavam a minha alma e os meus sentidos fascinados, como os olhos do imprudente, que avidamente fitarão o sol em seu meridiano....

Lá, purpurea tela, destendida por divinos seres, recebia celestes côres dos pinceis manejados pelos anjos, que subtil e rapidamente contornavão e colorião um painel inspirado pela exaltacão das idéas de Deus, concebido pela efervescencia do amor de um poeta, reflectente de teus risos, copia de teu rosto, e original das sacerdotissas do visgo.

Eu sonhava, mas sentia que fabricante excitabilidade vigorava meus sentidos affectados pela inuacão, pois que minhas idéas entorpecidas victalisavão-se de prompto, e meus órgãos paralisados, d'improvisa funcionavão normalmente.

Eu sonhava, mas de tal sorte apreciava a semilhança de teus encantadores traços physionómicos, que fui ludibriado pelos anjos que te retratavão; sorrindo-se da invocação que te fiz nestes versos:

Oh! Porque has fugido de mim
Que collei-te no meu coração?
Mal sentiste o meu peito animar-te
Me deixaste por essa manção?!

(Continua.)

BOLETIM DOS THEATROS.

O theatro dramático, quando em suas volupias, temulento de enthusiasmos, engrinalda-se com as parras de Bacco, garboso dessa affluencia de caricatos que reflectão-lhe as entranhas,

torna-se o perfeito transumpto do mundo social, o reflectente fiel deste hemispherio terraquio, em miniatura.

A imaginacão se fixa nas scenas tão diversas,

que os membros da grande familia social representão ao mesmo tempo, e os olhos vacillão sobre essa onda de mascarados que a procella popular arrojou na fraga cavernosa artificializada de bambolinas, bastidores, camarotes, etc., a imaginação firme na apreciação das scenas do mundo, e os olhos avidos nas scenas do theatro em noite de mascaras, serão dous confrontadores de identicas loucuras.

Mas honra seja feita ao empresario do theatro de S. Pedro, que nada poupou para que fosse brilhantissima a perspectiva desse salão immenso, franco aos apreciadores do cancan nas noites de domingo 16, e terça-feira 18 do corrente.

O eclipse, como effeito da orchestra, junto ao clypse, como effeito do gaz, produziu uma bellissima illusão, pois que cheguei a dar busca ás algibeiras do meu *pirotet* em demanda de um telescopio, enquanto as tontas, acolovelado pelos demais observadores, não despregava os olhos do tecto sem astros.

Completas foram as enleantes nas duas noites, e o enthusiasmo frenetico subiu de ponto na ultima.

E foi Lá, nesse templo de Racine, Moliere etc., invadido pelos adeptos de Therpsicore que, por entre a immeusa e compacta maça de tresvariados arlequins, errava um espectro, mudo, como Antonio José fulminado pela vozeria inquisitorial, sinistro, como a apparição de Henrique no sarão da filha do conde Orlando, e terrivel, como elle mesmo, — assassino de D. Alvaro, executor de D. Brauca de Cordova.

E no entanto, essa mascara de carrasco, ocultava um rosto de poeta em *lucto*, afogueado pelas lavas do amor que crepitavao-lhe no vesuvio do coração, e essa dextra constante em apertar o tremendo machado, elle dera a vida para vê-la unida conjugalmente á dextra do seu anjo, que de seu camarotinho, nem sonhava ter ante seus olhos o escolhido do seu coração, debaixo das roupas de Antonio Baracho!

O-Tympano.

O MADRUGAR É BOM PARA A SAUDE.

Conta-se que um celebre juiz, quando julgava, tinha o costume de se informar dos habitos dos réos e de todas as testemunhas que via de idade avançada: e este curioso investigador achou invariavelmente que, apesar de variarem em outras circumstancias, todos elles erão e tinham sido madrugadores. O famoso Dr. Cheyne, no seu *Tratado sobre a saúde e longa vida*, dá, como opinião sua, que nada pôde ser mais prejudicial, ás constituições delicadas, e pessoas estudiosas e contemplativas; do que o conservarem-se na cama depois de terem dormido o tempo necessario e razoavel. Evidentemente (diz elle) semelhante costume engrossa os fluidos, debilita os solidos e enfraquece a constituição physica. O ar livre e aberto é uma especie de banho frio, especialmente sahindo-se de um leito quente, e consequentemente faz a circulação mais vigorosa e mais completa, e fortifica os solidos: enquanto que, ficando-se na cama, elles se debilitão, e, por assim dizer, se derretem: isto é claro, á vista do appetite e fome que aquelles que se levantão cedo sentem mais depressa, e em maior grado, que os que ficam muito tempo na cama.

Johnes Wesley, fundador de seita dos methodistas, que havia estudado medicina, escreveu um sermão sobre as vantagens do madrugar: nelle observou que o effeito mais commum de dormir muito tempo, ou estar muito tempo na cama, é o enfraquecimento da vista, particularmente aquelle enfraquecimento que é do genero nervoso. « Quando eu era moço (diz elle) a minha vista era muitissimo fraca; e porque motivo é ella melhor do que ha quarenta annos? Atribuo isso principalmente á benção de Deus;

mas sem duvida alguma tambem á que o homem que elle teve a bondade de abençoar se levanta todas as manhãs muito cedo. »

O Dr. Wilson Philip, no seu *Tratado sobre a indigestão*, diz: « Apesar de ser muito necessario aos debilitados deitarem-se cedo, poucas cousas lhes podem ser mais nocivas do que ficarem na cama muito tempo. Levantando-se uma hora ou duas mais cedo com frequencia, dão ao corpo um grado de vigor que nenhuma outra cousa pôde produzir. Quanto á aquelles que não são muito debeis e dormem bem, a melhor regra é levantarem-se da cama logo que despertão pela manhã. Isto ao principio pôde parecer custoso, porque as pessoas debeis precisam mais de dormir do que as sãs; mas, levantando-se cedo, vai-se gradualmente prolongando o somno nas noites seguintes, até que a quantidade que se gozar seja a necessaria. Deitar-se tarde não só é prejudicial pela relaxação que produz, mas tambem por fazer perder aquella parte do dia em que o exercicio é mais benefico. »

O Lord Chancellor levanta-se ás quatro horas da manhã. Milton, pela mesma hora. Sir Matthew Hale, quando era estudante, das vinte e quatro horas do dia, dava dezeseis ao estudo. O Dr. Parkhurit levantava-se ás cinco horas em todo o anno; e muitos outros sabios da primeira ordem recommendarão, e todos adoptarão esta pratica durante a maior parte da sua vida.

Os preguiçosos sempre têm desejos de fazer alguma cousa.

(Do inglez, pela Viscondessa da...

Devoção de Carlos II e de seus cortezãos.

A cõrte de Carlos II de Inglaterra era composta dos homens mais ambiciosos e dissolutos da nação. O genio mordaz era o maior merecimento que se podia ter para alcançar os favores do monarca, e a adulação a mais servil era o meio mais seguro de conserval-os. Todos acompanhavão o rei quando aos domingos ia á missa, mas nenhum o fazia por devoção, e mesmo poucos havião que professassem religião alguma. Um dia foi o Dr. South encarregado de pregar o sermão; mas no meio do seu discurso, vendo que tudo estava dormindo na tribuna real, parou, e em voz alta chamou tres vezes por lord Lauderdale, que era mordomo-mór. Acordou este todo aturdido, e o pregador lhe disse: « Milord, sinto muito interromper o somno de V. Ex.; mas fui obrigado a isso, porque roucava com tanta força, que reciei acordasse Sua Magestade. » E, dizendo isto, desceu do pulpito e retirou-se.

Receitas e processos uteis.

PARA LAVAR E RESTITUIR O LUSTRO AOS GALÕES DE OURO OU PRATA. — De todos os meios que ordinariamente se costumão applicar para este fim, pouco proveito se tira. O espirito de vinho é o que mais convém para limpar e restituir o lustre aos galões e bordaduras de ouro ou prata. Faz-se aquecer um pouco este licor, antes de o applicar, e assim melhor desfaz as manchas que houverem nos galões. applica-se com um panno de linho fino e bem limpo.

MODO DE LIMPAR OS METAES DOURADOS. — As peças de bronze ou de outro qualquer metal dourado, que estiverem manchadas, poderão limpar-se do modo seguinte. Com uma esponja fina molhada em vinho ou vinagre bem quente esfrega-se de leve a parte manchada até fazer desaparecer a mancha. Far-se-ha depois secar a peça ao sol ou ao fogo; e com um panno de linho bem secco e brando se esfregarão as partes polidas para lhes restituir todo o seu lustre: nas partes de fusco não é necessario tocar mais, pois que a esponja lhes terá restituído a sua vivacidade.

PARA LAVAR TRASTES DE SEDA, Lã OU ALGODÃO, SEM DAMNIFICAR A COR. — Ras-

pem-se batatas cruas, tirada a casca, até se haverem reduzido a polpa ou massa muito fina, em agua bem clara. Esta mistura passa-se por peneira aspera, cabindo em outro vaso com agua. Deixa-se depois em repouso até que as mais ligeiras particulas brancas das batatas tenham assentado no fundo. Então se vasará por decantação o liquido mucilaginoso, de modo que se não revolva nem levemente a fecula da batata que está assente no fundo. E' este liquido que serve para o effeito.

Tendo-se estendido o objecto que se quizer limpar sobre uma mesa coberta de uma toalha de linho, molha-se uma esponja limpa naquello liquido, e esfrega-se o objecto até que se tenha tirado inteiramente a lama, ou o que produz a mancha. Depois lava-se bem com agua limpa.

São precisas duas batatas grandes para uma canada d'agua. Este liquido serve para limpar todas as sortes de fazendas e moveis de seda, algodão ou lã, sem lhe damnificar a cor. Pode tambem servir para lavar as pinturas a oleo. A polpa da batata, que fica na peneira, serve para limpar tapetes, ou outras peças grossas.

Maximas.

O homem nunca devia ter vergonha de confessar os seus erros; porque fazer semelhantes confissões é mostrar que se tem hoje mais juizo do que hontem.

A vaidade só respira exclusões e preferencias: exigindo muito, não concedendo nada, ella é sempre injusta.



CHARADA.

Quem te dá principio, ó Baccho?
 Dize, dize, não sou eu? 1
 Porque meu esposo persegues,
 O' gato, bicho judeu? 1

Que bicho tão feio!!
 Que pernas que tem!!
 Fugamos, maninha,
 Que ella p'ra cá vem!!

C. B.

A charada do n.º 46 é: *Descrença.*

Acompanha este n.º 47 uma estampa com dehuos de bordados,